

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FERNANDA ALMINHÃNA FREITAS

REPRESENTAÇÕES DA FEMINILIDADE NAS MULHERES DE JANE AUSTEN

RIO DE JANEIRO
2023

Fernanda Alminhãna Freitas

REPRESENTAÇÕES DA FEMINILIDADE NAS MULHERES DE JANE AUSTEN

Dissertação de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientadora: Maria Lucia Guimarães de Faria

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

F866r Freitas, Fernanda Alminhãna
Representações das feminilidades nas mulheres de
Jane Austen / Fernanda Alminhãna Freitas. -- Rio de
Janeiro, 2023.
39 f.

Orientadora: Maria Lucia Guimarães de Faria.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Italiano, 2023.

1. Orgulho de Preconceito. 2. Emma. 3. Jane
Austen. 4. Feminilidade. I. Faria, Maria Lucia
Guimarães de, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família. Agradeço por desde criança me fazerem perceber que eu posso ser e fazer o que eu quiser, por nunca me deixarem desanimar dos meus sonhos e estarem presentes nos momentos importantes da minha vida. Agradeço em especial aos meus pais, Marcos Vinícius e Sônia, por terem feito o possível para me dar uma vida e uma educação de qualidade e, além disso, por me apoiarem em todas as minhas ideias, projetos, sonhos e desafios, por não me deixarem desistir quando as coisas ficavam difíceis, por cuidarem de mim e por me entenderem. Agradeço também à minha irmã, Natália, por sempre ter sido o meu exemplo em todos os aspectos da vida. Agradeço por ser a minha parceira, minha confidente e melhor amiga. Agradeço por me mostrar o meu potencial, por me guiar na vida escolar e acadêmica, por sempre me apoiar em qualquer coisa que eu quisesse ser ou fazer e por sempre se fazer presente na minha vida.

Gostaria de agradecer aos meus amigos Ana Clara Macri, Anna Luísa Siciliano, Bárbara Oliveira, Bianca Melo, Gabriella Vilela, Gáudio Uchoa e Luanna Pacheco por me aceitarem do jeito que sou, por cada ajuda em momentos difíceis, por me apoiarem e vibrarem a cada conquista minha e agradeço especialmente àqueles que estiveram comigo durante toda a jornada acadêmica na UFRJ: Aline Veríssimo, Esther Martins, João Victor Mourão, Luana Bortolami e Victoria Cristina Guilherme. Os anos de graduação não teriam sido tão leves sem eles no meu dia a dia.

Gostaria de agradecer aos colégios em que estudei: Colégio Nossa Senhora do Rosário, Colégio Christus, Colégio São Vicente de Paulo e Instituto Nossa Senhora da Piedade. Agradeço, principalmente, aos professores de cada uma das instituições de ensino que frequentei, cada um foi essencial para o meu aprendizado e crescimento como cidadã.

Por fim, agradeço à UFRJ e, em especial, à Faculdade de Letras. Me sinto honrada por fazer parte do corpo estudantil de uma universidade com tamanha excelência. Agradeço aos professores que passaram pela minha jornada acadêmica e que me ajudaram a crescer. Tenho profunda gratidão pela professora Maria Lucia Guimarães Faria que desde o primeiro dia de aula me fascinou com a sua paixão pela literatura e que me recebeu de braços abertos como orientanda. Agradeço não somente pela orientação nessa monografia, mas também pelos conselhos e conversas encorajadoras ao longo desse ano.

RESUMO

A vida no século XIX era bem diferente daquela que temos atualmente em diversos aspectos. Naquela época, as mulheres deveriam estar dentro de um padrão de feminilidade que a sociedade exigia e, mesmo estando nesse padrão, era difícil ter o devido reconhecimento tal como tinham os homens. Muitos autores foram capazes de retratar a realidade desta sociedade e época, entretanto foi Jane Austen, na literatura inglesa, quem deu voz às mulheres do século XIX (ZARDINI, 2011).

Jane Austen escreveu romances na época da regência (SULLIVAN, 2007), em que a feminilidade das mulheres era baseada em possuir habilidades específicas que as tornariam elegíveis ao casamento. Dentre essas habilidades, podemos citar ter um conhecimento básico de geografia e história, saber diversas línguas, dançar graciosamente, pintar, costurar, bordar, saber cantar e tocar, principalmente, piano. Lendo seus romances, é possível perceber nas suas personagens femininas uma diversidade em relação a tais habilidades e podemos ver uma certa quebra de padrão na construção da feminilidade, sobretudo, das personagens principais de seus livros.

É importante ressaltar o papel que Jane Austen possui na construção dessa feminilidade (BARROS, 2013). Ela se vale de seu papel como narradora de modo que, apesar de não pertencer fisicamente ao romance, detém todo o pensamento e manipulação da obra. Tal artimanha fica explícita, por exemplo, nos últimos capítulos de *Orgulho e Preconceito* (1813), em que todas as pressuposições que Elizabeth Bennet – e o leitor – tinha(m) foram aos poucos sendo desfeitas e reestruturadas em meio à revelação de um outro ponto de vista, encoberto pelos pensamentos e avaliações da narradora, voz de Jane Austen dentro do romance.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, analisar a maneira segundo a qual Jane Austen retrata a feminilidade em suas personagens, abordando questões como casamento e habilidades que eram exigidas na sua época. Para tal, serão utilizados como objeto de análise dois de seus romances – *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815) – e, dentro dessas obras, personagens serão selecionadas para uma análise que propicie discussões acerca do lugar das mulheres tal como proposto por Jane Austen em uma época com costumes tão restritivos e determinantes. Atenção especial também será dada às manobras e astúcias do ato narrativo.

Palavras-chave: feminilidade; Jane Austen; habilidades; casamento; Orgulho e Preconceito; Emma

ABSTRACT

Life in the 19th century was quite different from the one we have now in a lot of aspects. At that time, women should be within a femininity standard which was required by society and, even being on this standard, it was difficult to have the same recognition as men had. Many authors were capable of portraying that social reality and time, but it was Jane Austen, in English literature, who gave voice to the 19th century women (ZARDINI, 2011).

Jane Austen wrote novels at regency time (SULLIVAN, 2007), in which the women's femininity was based in having specific abilities that would make them eligible for marriage. Among these abilities, it is possible to mention having a basic knowledge of geography and history, knowing various languages, dancing graciously, painting, sewing, embroidering, knowing how to sing and play, especially, the piano. By reading her romances, it is possible to notice on the female characters a diversity related to these abilities—and a certain break of standard especially in the construction of her main characters' femininity.

It is important to emphasize the role that Jane Austen plays on such construction (BARROS, 2013). She takes advantage of her role as narrator in a way that, even though she does not belong physically to the novel, she gets holds of all thoughts and exerts manipulation. Such trickery becomes explicit, for example, on the last chapters of *Pride and Prejudice* (1813), when all of Elizabeth Bennet's – and the reader's – assumptions are little by little being torn apart and restructured amid the revelation of other point of view, hidden by the narrator's thoughts and evaluations, which convey Jane Austen's voice within the novel.

This research goal is, therefore, to analyse the way in which Jane Austen portrays her characters femininity, approaching issues such as marriage and required abilities in that period. For that purpose, we chose as an object of analysis two of Jane Austen's novels – *Pride and Prejudice* (1813) and *Emma* (1815) – and, within those works, characters were selected for an analysis that propitiates discussions about women's place as proposed by Jane Austen in an era with such restrictive and determinant customs. Special attention will also be given to the tricks and craftiness of the narrative act.

Keywords: femininity; Jane Austen; abilities; marriage; *Pride and Prejudice*; *Emma*

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Papel da mulher no século XIX.....	11
3. A visão do casamento para Jane Austen e suas mulheres.....	18
4. Outras feminilidades.....	21
5. A voz de Jane Austen em seus romances.....	27
6. Resquícios do patriarcado em Jane Austen.....	34
7. Considerações finais.....	36
8. Referências.....	38

INTRODUÇÃO

A literatura no século XIX ainda era dominada pelos homens, mas foi nesse cenário que Jane Austen emergiu com seus romances inovadores e femininos. Por nascer em 1775, a escritora inglesa estava fadada a se adequar ao patriarcado ao qual a mulher vitoriana daquela época deveria ser submissa. Austen, então, utiliza as suas obras para fazer uma crítica social, recorrendo à criação de personagens femininas fortes o suficiente para transmitirem os seus pensamentos.

A mulher no século XIX não era considerada um ser protagonista, não possuía voz na sociedade e não lhe era atribuída serventia a não ser para assuntos domésticos que, ainda, deveriam ser direcionados para o bem-estar do homem da família, fosse esse seu pai, seu irmão ou seu marido. Este último era um dos objetivos – talvez o único – na vida de uma mulher, cuja arte de conquista é aperfeiçoada desde o seu nascimento por meio de diversas habilidades que confeririam a feminilidade apropriada para que um homem se encantasse por ela e decidisse pedi-la em casamento.

A representatividade feminina nos romances de Jane Austen é grande. Suas histórias são repletas de mulheres, cada uma com a sua devida característica, mas todas vivendo sob as normas do como se portar da época. Algumas de suas heroínas são apresentadas com um senso crítico aguçado ou uma certa ironia herdada da própria autora e, assim, se distanciam do padrão de feminilidade exigido no século XIX. É esse o caso de Elizabeth Bennet, protagonista de *Orgulho e Preconceito* (1813), e Emma Woodhouse, protagonista de *Emma* (1815). Apesar de as duas mulheres citadas se casarem no final dos romances, um longo caminho é traçado por elas com questionamentos acerca da viabilidade do enlace, uma vez que tanto Elizabeth quanto Emma possuíam traços muito distintos e, por vezes, excludentes dentro da lista de requisitos de esposas apropriadas. Como mulheres à frente do tempo, os traços de suas personalidades considerados inadequados podem ser interpretados como um indício do feminismo de Austen, uma vez que os pensamentos de suas protagonistas se misturavam com a sua voz autoral.

Os romances da escritora britânica, por serem ambientados em locais pacatos e rurais da Inglaterra, são, por vezes, vistos como convencionais. Porém, uma vez que se conhece o funcionamento e os costumes do século XIX, ficam visíveis as complicadas tramas criadas para dar vida às histórias. Se torna claro, por exemplo, o motivo pelo qual Emma Woodhouse é comprometida com as suas visitas à Srta. Bates ou a razão pela qual

o Sr. Collins propõe se casar com uma das irmãs Bennet, que o recusa, o que leva a Sra. Bennet, sua mãe, a jurar nunca mais falar com ela. Todas essas manobras e pequenas nuances dos romances consagraram Austen como uma narradora astuta e ciente de todos os passos que cada personagem deverá dar para montar uma teia que prende os leitores do início ao fim de cada obra.

Como narradora autoral, é Jane Austen quem controla todas as situações e pensamentos dentro das obras, fazendo com que os leitores e as personagens vejam apenas aquilo que ela quer que saibam. É a partir desse lugar privilegiado que a autora impõe as suas impressões sobre o mundo no qual ela vivia e é através de suas personagens que ela dá voz a uma parcela da sociedade considerada irrelevante. Mas a escritora não atua apenas autoralmente em seus romances. Ela dá fortes contornos personativos às obras, ao abrir o foco narrativo diretamente sobre a mente pensante de suas heroínas. Em longas e fundamentais passagens, o leitor tem acesso ao fluxo mental das personagens, que se torna ainda mais relevante quando as moças enfrentam situações de crise. Nesses momentos, embora a narradora siga conduzindo a narrativa, ela se exime de lançar suas próprias ideias e percepções em favor das ideias e percepções das personagens. Esse expediente narrativo lhe faculta apresentar contradições, puerilidades e mesmo certas mesquinhas das personagens, sem que se possa atribuir à própria autora essas flutuações de comportamento. Num contexto de opressão e silenciamento do feminino, dar às mulheres, para além da autora, a liberdade do pensar e a desenvoltura do sentir constitui um ganho significativo. Pensar e sentir sem a “tutela” direta da narradora permite, ainda, ao leitor experimentar no vivo e no concreto da “vida” (ainda que ficcional) as agruras, embaraços e transtornos de ser mulher naquela época.

PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XIX

Em 1800 as mulheres só deveriam se preocupar com uma coisa: casar-se. Fosse para manter a sua fortuna, fosse para ter uma boa vida, o casamento era a salvação feminina no século XIX. Foram poucas as mulheres que não se dedicaram o suficiente para alcançar tal objetivo e uma delas foi Jane Austen. Apesar de saber com maestria todos os minuciosos passos para conseguir um marido, Austen não se casou. Entretanto, segundo Barros (2013), ela teria tido algumas relações amorosas e até um pedido de casamento que foi aceito, mas recusado no dia seguinte, uma vez que os seus sentimentos não correspondiam aos do homem em questão.

O casamento realizado em virtude de sentimentos verdadeiros é um dos fatores importantes nas obras e na vida da romancista, como podemos perceber em *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815), mais à frente discutidos. Contudo, isso não servia de regra para a sociedade inglesa em que a feminilidade exigida de uma mulher era baseada em habilidades que ela deveria aperfeiçoar desde a infância até o dia no qual, felizmente, se casaria. A fim de compreender as situações criadas nos romances citados, é necessário um aprofundamento nessas habilidades referentes ao casamento, visto que Jane Austen utiliza com astúcia cada detalhe desses para criar heroínas que fogem de tal padrão.

Como habilidades básicas que uma mulher deveria ter podemos citar conhecer diversas línguas, em especial o francês e o italiano, ter conhecimentos básicos de Geografia e História, ser uma ótima musicista – cantar e tocar piano e harpa para que os pretendentes a considerassem apta a entreter não só eles mesmos como seus futuros convidados – desenhar e pintar cenários pitorescos, saber bordar – o que lhe dava a possibilidade de fazer roupas para o seu marido e família, impressionar convidados com a sua arte ou, ainda, adaptar seus vestidos –, e saber dançar graciosamente.

Em todas as obras de Jane Austen vemos como a autora tira vantagem dessas habilidades cruciais em suas personagens, demonstrando essa realidade da sociedade de forma natural, como era vista na época. No romance *Orgulho e Preconceito* (1813), é possível perceber diversas passagens em que Elizabeth Bennet expõe quais habilidades consideradas essenciais para uma mulher da época ela e suas irmãs desenvolveram ou não. Um dos momentos em que é possível ver a posição de Elizabeth em relação aos costumes da educação de uma mulher é durante um jantar na casa de Lady Catherine de Bourgh, mulher considerada extremamente exigente e o espelho da sociedade da época.

— [...] Sabe cantar e tocar pianoforte, srta. Bennet?

— Um pouco.

— Ah! Então... uma hora ou outra ficaremos felizes em ouvir você. O nosso pianoforte é magnífico, provavelmente superior a... Você vai experimentá-lo um dia. As suas irmãs também tocam e cantam?

— Uma delas, sim.

— Por que nem todas aprenderam? Todas vocês deveriam ter aprendido. [...] Vocês sabem desenhar?

— Não, nem um pouco.

— Como, nenhuma de vocês?

— Nenhuma.

— Isto é muito estranho. Mas suponho que vocês não tiveram oportunidade. Sua mãe deveria ter levado vocês a Londres a cada primavera para terem professores.

— Minha mãe nada teria a objetar, mas meu pai odeia Londres.

— Sua preceptora abandonou vocês?

— Nunca tivemos nenhuma preceptora.

— Nenhuma preceptora! Como é possível? Cinco filhas criadas sem uma preceptora! Nunca vi coisa igual. Sua mãe deve ter sido uma escrava dedicada à educação de vocês.

Elizabeth conteve com dificuldade o riso ao garantir-lhe que não fora bem assim.

— Quem instruiu vocês, então? Quem acompanhou vocês? Sem uma preceptora, a educação de vocês deve ter sido negligenciada.

— Comparada à de certas famílias, creio que sim; mas quando alguma de nós queria aprender não faltavam os meios. Sempre éramos encorajadas a ler e tivemos todos os professores necessários. As que preferiam ficar sem fazer nada certamente o podiam.

— Ah, não duvido; mas é isso que uma preceptora impediria e, se eu tivesse conhecido a sua mãe, teria energeticamente aconselhado a contratar uma. [...] Alguma de suas irmãs mais moças já foi apresentada à sociedade, srta. Bennet?

— Sim, minha senhora, todas elas.

— Todas! Como assim, as cinco de uma vez? Que esquisito! E você é só a segunda. Apresentar as mais moças antes que as mais velhas estejam

casadas! Suas outras irmãs mais moças devem ser muito jovens.

—São, sim. A mais moça ainda não tem dezesseis. Ela talvez seja um pouco jovem demais para frequentar muito a sociedade. Mas na verdade, minha senhora, acho que seria duro demais para as minhas irmãs mais moças não terem a sua parte de vida social e diversão, pois talvez mais velhas não tenham meios ou inclinação para casar cedo. A caçula tem tanto direito aos prazeres da juventude quanto a mais velha. E ser retida por esse motivo! Acho que não é muito provável que isso promova a afeição entre as irmãs ou a delicadeza de alma.

— Ora vejam – disse Sua Senhoria –; você dá a sua opinião com muita firmeza para uma pessoa tão jovem. [...] (*Orgulho e Preconceito*, p. 185-187)

É perceptível a forma como Jane Austen cria uma personalidade forte para Elizabeth a ponto de a personagem não considerar a fuga do padrão algo estranho ou absurdo. Lady Catherine de Bourgh, pelo contrário, encara tamanha falta de habilidades e costumes da família uma irresponsabilidade por parte da mãe das irmãs Bennet. Essas nunca tiveram uma governanta para instruí-las na educação, aprenderam tudo o que sabiam com a mãe e, levando em conta a situação econômica em que a família se encontrava, alguns dos padrões a serem seguidos podem ter ficado de lado a fim de priorizar comportamentos que certamente levariam a um casamento vantajoso.

Segundo Sullivan (2007), era de bom tom que uma moça tivesse interesse pela literatura e lesse aquilo que fosse apropriado para uma mulher aos olhos da sociedade da época. Apesar de Elizabeth ter acesso à vasta biblioteca de seu pai e ter muito gosto pela leitura, ela se aventurava a ler aquilo que não lhe era destinado, tendo, assim, pensamentos avançados para uma mulher da época, causando estranhamento nas outras personagens como podemos perceber neste diálogo entre Elizabeth e o sr. Darcy:

[...] – Qual é a sua opinião sobre os livros? – disse ele, com um sorriso.

– Livros... ah! Não. Tenho certeza de que nunca lemos o mesmo, ou pelo menos não com os mesmos sentimentos. [...] (*Orgulho e Preconceito*, p. 109)

As cenas de baile criadas por Jane Austen mostram como as atitudes de Elizabeth Bennet e sua família poderiam afetar a visão que os pretendentes ali presentes teriam sobre elas. No primeiro baile do romance *Orgulho e Preconceito*, Elizabeth é dispensada pelo Sr. Darcy que a considerou “excessivamente sorridente” (p. 24), apesar de bonita. Nesse momento, podemos perceber que as mulheres deveriam estar exatamente de acordo com o padrão imposto, e o mínimo afastamento poderia desencorajar um homem a fazer o cortejo. A família Bennet era um grande fator de desaprovação para Elizabeth. Sua mãe era considerada intrometida, suas irmãs, tolas e seu primo, o Sr. Collins, inconveniente. Apesar desses adjetivos negativos atribuídos à família de Elizabeth ao longo do romance, as atitudes julgadas inadequadas eram necessárias para que os Bennet’s tivessem sucesso em sua situação financeira. Era de extrema importância que as irmãs Bennet conseguissem um marido que tivesse uma boa renda anual, uma vez que não havia nenhum homem na linha de sucessão para o qual a propriedade e o capital fossem passados, e, sendo assim, elas não teriam uma casa e uma forma de sustento. Quando uma família se encontrava em tal situação, a propriedade era hipotecada no nome do homem mais próximo da linha de sucessão da família ou algum outro homem com quem fosse feito o acordo. A decisão mais coerente feita pelo Sr. Bennet foi a de passar a propriedade de Longbourn para o Sr. Collins, primo das irmãs Bennet, pois assim a casa ainda estaria na família. Considerando a situação financeira e um cenário desfavorável de casamento para qualquer uma das meninas Bennet, o Sr. Collins cogitou pedir a mão de Jane, a mais velha, em casamento, uma solução que permitiria à família continuar naquela propriedade e com a renda do pai, mas, tendo em vista que ela estava começando a se envolver com o Sr. Bingley, foi necessário fazer uma mudança e pedir a mão de Elizabeth.

Como Elizabeth compartilhava das más opiniões da sociedade em relação ao Sr. Collins, achou aquela situação angustiante e, em parte, cômica justamente pela ousadia do homem. Como dito anteriormente, Jane Austen colocava muito de si em seus romances, e um aspecto importante na sua vida, o sentimento do afeto, foi muito bem utilizado para se fazer uma recusa coerente ao pedido de casamento do Sr. Collins a Elizabeth Bennet quando ela diz: “[...] Agradeço-lhe mil vezes pela honra que me fez com a sua proposta, mas para mim é absolutamente impossível aceitá-la. Meus sentimentos me impedem de fazer isso. [...]” (p. 126). Mesmo para se rejeitar um pedido naquela época havia regras, de acordo com Sullivan (2007), que se resumiam em deixar um parente do homem interessado informado do seu desinteresse, ignorar o pedido, se passar por

inocente dando a entender que não compreendia o que ele estava dizendo, ser firme com a sua decisão de recusa, distraí-lo ou insultá-lo e, como último recurso, fingir desmaio. Por sorte, a mente da senhorita Bennet foi construída para ser forte o suficiente para enfrentar as inconveniências do Sr. Collins e as suas diversas tentativas de ignorar as vontades da moça. Em uma das tentativas de recusa, é possível notar no final da fala de Elizabeth a astúcia de Jane Austen:

– Palavra de honra, meu senhor – exclamou Elizabeth –, sua esperança é algo realmente extraordinário depois do que eu disse. Eu lhe garanto que não sou uma dessas moçoilas (se é que elas existem), tão ousadas que arriscam sua felicidade na sorte de ser pedidas uma segunda vez em casamento. Estou sendo seríssima em minha recusa. O senhor não poderia fazer-me feliz e estou convencida de que sou a última mulher no mundo que possa dar-lhe a felicidade. Não, se a sua amiga, *Lady Catherine*, me conhecesse, tenho certeza de que me acharia em todos os aspectos desqualificada para a situação. (*Orgulho e Preconceito*, p. 124)

Apesar de ao longo da obra observarmos que Elizabeth Bennet está sempre segura de suas ações e pensamentos, em passagens como essa vemos que a personagem tem noção de que ela é uma mulher díspar na sociedade inglesa do século XIX. A autora construiu uma personagem consciente das suas falhas de feminilidade, sendo capaz de dizer desqualificada para casar-se, refletindo outras mulheres da vida real e fictícia e a si mesma. Em *Transparent Minds*, de Dorrit Cohn, podemos entender esse movimento de Jane Austen a partir do trecho: “a ficção narrativa é o único gênero literário, assim como o único tipo de narrativa, em que os inexpressos pensamentos, sentimentos, percepções de uma pessoa que não o falante podem ser representados”¹. Assim, compreendemos que a escritora negocia o seu lugar privilegiado na narrativa para expor os pensamentos de Elizabeth Bennet, deixando de lado o seu papel de narradora e as suas próprias percepções sobre o mundo ficcional para colocar um holofote sobre as opiniões da personagem. O leitor tem, então, acesso às façanhas da personagem, seus pensamentos críticos sobre a sociedade, sua família e, por vezes, sobre si mesma. Tal movimento dá à autora certo

¹ “[...] narrative fiction is the only literary genre, as well as the only kind of narrative, in which the unspoken thoughts, feelings, perceptions of a person other than the speaker can be portrayed.” (p. 7)”. Tradução minha.

respaldo, pois, colocando tais opiniões na voz da personagem, se torna difícil ao leitor decifrar se está lendo a respeito de Elizabeth ou a respeito de Jane Austen.

Apesar de ter uma personalidade forte, Elizabeth Bennet precisava viver minimamente dentro das regras da sociedade a fim de garantir um futuro para si. O mesmo não acontece com a personagem Emma Woodhouse, heroína da obra *Emma* (1815). A protagonista é uma menina rica, com uma boa educação e com todas as qualidades que poderiam lhe conferir um bom padrão de feminilidade e um ótimo casamento, porém tem um temperamento que a poucos agrada. Em *The Jane Austen's Handbook: A Sensible Yet Elegant Guide to Her World*, Sullivan aponta que Jane Austen construiu uma personagem tão complexa que ela temia que ninguém além dela mesma gostaria de Emma Woodhouse. Por mais que a personagem tenha sido criada com todas as características atrativas para um bom casamento, Emma não era considerada um exemplo de feminilidade para aqueles à sua volta, e sua personalidade forte é apontada como um problema desde o início da obra:

Na verdade, os reais perigos da situação de Emma eram, em parte, ter o poder para satisfazer todas as suas vontades e, por outro lado, ser propensa a ter uma autoconfiança extremamente exagerada – essas eram as desvantagens que ameaçavam misturar-se com muitas de suas qualidades. Entretanto, até o momento, os perigos eram tão imperceptíveis que não poderiam ser considerados inconveniências de caráter. (*Emma*, p. 9 - 10)

A habilidade narrativa de Austen deixa entrever que os tais “perigos” não só se tornariam perceptíveis como constituiriam a problemática central do romance. Sendo a família de Emma a mais rica da região, a moça teve acesso a todo e qualquer tipo de educação, tendo desenvolvido todas as habilidades exigidas com sucesso. Apesar disso, Jane Austen optou por construir uma personagem extremamente vaidosa, o que fazia com que Emma não gastasse muito tempo em cada habilidade. Uma vez aprendidas, ela começava uma outra nova e, assim, acumulava diversas qualidades, mas todas dominadas de um modo um tanto superficial. Por conta disso, a personagem se tornava alvo de comparações com Jane Fairfax, moça simples e pouco afortunada, porém tida como um exemplo de mulher, sendo excelente ao piano e uma companhia agradável para todos que estivessem a sua volta. Mesmo sendo afortunada, Emma perdia pretendentes por

conta da sua forte personalidade e, ainda por esse fator, se colocava indisponível para se casar ou para desenvolver sentimentos por um homem.

Surgia, então, a característica da qual ela mais sentia orgulho: a de ser uma ótima casamenteira. Jane Austen criou uma personagem extremamente confiante em si, uma mulher tão orgulhosa a ponto de considerar ser responsável pelas armações amorosas que ocorriam ao seu redor. Era esse traço que não permitia que ela fosse enxergada como um exemplo de feminilidade. George Knightley, seu maior admirador, apesar de apaixonado, reconhecia a forma petulante e inconsequente segundo a qual Emma agia para alimentar seu próprio ego, causando sofrimento e situações constrangedoras para aqueles que ousavam cruzar o seu caminho. É interessante observar que, por mais habilidosa e vaidosa que Emma fosse, as suas armações eram desastrosas. No final da obra, ela percebe como as suas maneiras foram incoerentes com a forma como ela gostaria de ser vista, ou seja, um exemplo de mulher.

Ao longo da obra, é perceptível como Emma se esforça para estar sempre dentro do padrão de feminilidade da época, criando hábitos que nem sempre eram de seu agrado e acabavam comprometendo a sua reputação. Um desses hábitos era a constante visita à casa da senhorita Bates, vizinha humilde da propriedade de Hartfield. Segundo Sullivan, as mulheres do século XIX também tinham regras no que se referia ao cuidado e à manutenção de sua casa após o casamento, e uma dessas era que a moça dedicasse o seu tempo aos vizinhos menos afortunados, oferecendo tanto a sua companhia quanto alimentos e pequenos presentes. Uma vez que Emma se tornara a mulher da casa, as visitas semanais à senhorita Bates viraram rotina. Jane Austen explora a vaidade e orgulho da personagem em todas as situações do romance, até mesmo naquelas em que era exigido um certo comportamento das mulheres, como é o caso das visitas citadas. É possível notar claramente como Emma desgosta da senhorita Bates e a qualifica a como irritante, mas, apesar disso, não deixa o hábito de lado já que a senhorita Bates sempre oferece elogios a ela por ser tão atenciosa e por ser aquele um costume louvável para a honra de uma mulher do século XIX.

A VISÃO DO CASAMENTO PARA JANE AUSTEN E SUAS MULHERES

Jane Austen explora em seus romances aqueles assuntos pertinentes às mulheres da época e, como toda a criação de uma menina do século XIX tinha como objetivo final o casamento, era conveniente que opiniões diversas fossem contempladas ao longo das obras. A sociedade da época estava habituada a seguir o mesmo pensamento a respeito dos esquemas e atitudes que levariam a uma união vantajosa para ambos os lados e Austen contempla tal sociedade em seus personagens como a já citada Lady De Bourgh, a senhora Bennet, Harriet Smith, entre outros. Entretanto, é nas personagens principais que encontramos o senso crítico que Jane Austen assumia:

– Oh! Para ser franca – exclamou Emma – é quase impossível para um homem acreditar que uma mulher possa recusar uma proposta de casamento. Os homens sempre pensam que as mulheres estão dispostas a aceitar qualquer proposta, de quem quer que seja e a qualquer momento. (*Emma*, p. 72)

A partir da fala de Emma neste diálogo é possível perceber uma visão frequente nas obras de Jane Austen: a de que uma mulher teria sim o direito de recusar um pedido de casamento. É certo que naquela época o casamento era a salvação para muitas mulheres, um dos únicos meios para ter um futuro confortável, o que tornava um pedido de casamento, talvez, o acontecimento mais esperado na vida de uma menina e, por isso, uma mulher ter a coragem de recusar um pedido era um ato de rebeldia e mal visto pela sociedade.

Jane Austen, então, quebra o silêncio em relação ao assunto quando desenvolve em suas personagens tais ideais revolucionários para a época. Vemos esse movimento acontecer primeiramente em *Orgulho e Preconceito* com Elizabeth Bennet que recusa não só uma, mas duas propostas de casamento vantajosas para ela. A primeira delas é feita pelo Sr. Collins, evento citado anteriormente, e vendo sob o olhar das normas da sociedade do século XIX era correto e coeso que o pedido fosse feito e aceito. Entretanto, mais uma vez, a autora decide mostrar os seus ideais de mulher e guia a narrativa para uma recusa de Elizabeth. Mais adiante no romance, a personagem recusa o pedido do Sr. Darcy, casamento que certamente favoreceria Elizabeth e sua família em vários aspectos, porém os sentimentos dela para com o cavalheiro tornavam a união impossível, apesar de isso não ser um fator favorável/decisivo para a rejeição de um pedido de casamento. Nos anos seguintes, Austen expõe a mesma convicção ao caracterizar a sua personagem Emma

Woodhouse com pensamento e atitudes semelhantes, uma vez que no momento em que a menina percebe que um pedido será feito, ela imediatamente interrompe o discurso do Sr. Elton e deixa claro que ela não tem intenção de se casar, muito menos com ele.

A diferença entre a recusa das duas personagens está na situação em que cada mulher estava. Financeiramente, Elizabeth precisava de um casamento e tinha noção desse fato, mas os seus princípios a impediam de aceitar qualquer um que lhe oferecesse uma união se não houvesse sentimento algum por parte dela. Já Emma não precisava de apoio financeiro algum, era uma menina da alta sociedade, rica e inteligente e sabia que, mesmo que ficasse solteira, nunca seria mal vista. Isso fica claro quando em uma conversa com sua amiga Harriet ela diz:

[...] — Não tenho nenhum motivo que me levasse ao casamento. Se eu estivesse apaixonada, aí seria diferente! Mas nunca me apaixonei, não é da minha índole nem da minha natureza. Acredito que nunca me casarei. E, sem amor, tenho certeza de que seria uma tola ao trocar meu conforto por um casamento. Não preciso de fortuna nem de ocupação, muito menos de posição na sociedade. Acredito que pouquíssimas mulheres são, verdadeiramente, donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, jamais, poderia esperar ser tão amada e tão considerada como agora sou, a favorita e a única aos olhos do meu pai.

[...]

— Mas, ainda assim, você será uma mulher solteira! E isso é terrível!

— Não se preocupe, Harriet, não serei uma pobre criada. E é a pobreza que torna o celibato desprezível! Uma mulher solteira, sem renda, seria uma velha criada, ridícula e desagradável! Seria motivo de piadas. Mas, uma mulher solteira com boa fortuna é sempre respeitada, sensível e gentil, tanto quanto os demais do seu nível. Não pense que essa distinção seja contra a pureza e o senso comum, como parece ser. Porque uma renda pequena sempre oferece tendência a se ter uma mente fraca e um temperamento desagradável. Aqueles que mal conseguem manter-se e que convivem com pessoas de nível inferior podem muito bem ser abatidos e mal-humorados. [...]

— Meu Deus! Mas o que fará? De que deverá ocupar-se quando for mais velha?

— Se me conheço bem, Harriet, tenho uma mente ativa, cheia de recursos. Não creio que precisarei de outros afazeres quando tiver quarenta ou cinquenta anos, além dos que já tenho aos vinte e um. As ocupações e os trabalhos manuais de uma mulher serão os mesmos para mim como o são agora, sem grandes variações. [...] (*Emma*, p. 98-100)

A preocupação de Harriet em relação a continuar solteira evidencia que Jane Austen nos mostra várias facetas da situação feminina da época. Harriet era uma menina pobre, cujo destino seria ditado por um casamento e, caso não tivesse sucesso nessa missão, se tornaria uma governanta ou professora. Por isso o espanto quando Emma revela não ter intenção de se casar. Para Harriet, o único meio para subir de classe social e ser bem-vista era o casamento e tal fato não era um pensamento da personagem e sim uma regra da época. Por ter uma boa posição e noção da sua situação, Emma não tem tal preocupação e a recusa de um pedido se torna mais fácil de ser feita. Ainda sobre esse assunto, Jane Austen arquiteta uma personalidade tão forte para a protagonista que ela tem a ousadia de encorajar sua amiga a dizer não a uma proposta oportuna de casamento, afirmando que “- [...] uma mulher não deve casar-se com um homem apenas porque ele lhe fez o pedido, ou porque ele está apaixonado por ela e é capaz de escrever uma carta aceitável.” (p. 65). Observando a fala isoladamente, é um ideal que condiz com o tipo de mulher que Austen costuma atrelar às suas personagens principais, mulheres à frente do seu tempo. Porém, sabendo de todas as situações que estão por trás tanto das características do romance quanto da vida real, esta se torna uma passagem cômica e ousada de ser proferida, por um lado, mas, ao mesmo tempo, insensível e até cruel, porque simplesmente desconsidera o drama de tantas meninas pobres do tempo de Emma. Como em outras passagens, a protagonista se mostra autocentrada e incapaz de ver o mundo senão de sua perspectiva privilegiada.

OUTRAS FEMINILIDADES

Apesar de os romances aqui citados terem o seu foco em mulheres que fogem do padrão de feminilidade da época de forma abrupta, é um fato que Jane Austen explora essa fuga com outras mulheres. Muitas delas tentam se enquadrar nesse modelo feminino, mas, por fazerem parte de uma sociedade extremamente crítica, especialmente para as damas, são afastadas dessa perfeição que almejam.

Em *Orgulho e Preconceito* podemos citar Mary Bennet, irmã da personagem principal, a mais nova das cinco filhas Bennet's, como uma dessas mulheres que fogem do padrão de feminilidade. Não percebemos a sua presença ao longo da obra, mas em diversos momentos Jane Austen surpreende os seus leitores e personagens com comentários ácidos feitos por Mary ou situações vergonhosas vividas por ela. O que podemos inferir no decorrer do romance sobre a personagem em questão é que a menina está em constante busca da perfeição intelectual. Em quase todos os episódios em que notamos a sua existência, os seus familiares pedem para que ela pare por um tempo de tocar piano ou cantar ou até ler. Como mencionado anteriormente, tais atividades eram essenciais para conferir à mulher um alto grau de feminilidade, características específicas que uma dama deveria possuir para atrair um bom pretendente. Entretanto, esses eram os únicos atributos que Mary realmente procurava desenvolver, provavelmente por considerá-los os únicos que poderiam lhe trazer alguma forma de ascensão intelectual e, portanto, aqueles como saber bordar, dançar e socializar em bailes foram deixados de lado.

Diante desse quadro, podemos inferir que Mary sempre esteve fora dos holofotes das situações provocadas pelas mulheres de sua família por estar sempre ocupada tentando aperfeiçoar os seus talentos, e, embora dedique quase todo o seu tempo para isso, não é boa o suficiente. Apesar de não estar envolvida diretamente nesses episódios, ela mesma provocava incidentes tão vergonhosos e inapropriados quanto os que sua mãe ou sua irmã Lydia geravam justamente por tentar fazer parecer que era a que mais enxergava as situações de uma forma racional.

É possível tirar a conclusão de que Mary só faz tais comentários ácidos por conta da quantidade de leituras que devora. Em alguns momentos a menina lança insinuações claras, sempre seguindo o viés da razão, porém inapropriadas para o momento em que são proferidas. Muitos desses comentários são apenas réplicas do que ela via em seus

livros e, por isso, quando falava, essas passagens ficavam sem sentido dentro da conversa ou extremamente inoportunas, como neste momento do romance:

[...] Quanto a Mary, era suficientemente senhora de si para sussurrar a Elizabeth, com uma expressão de grave reflexão, assim que se sentaram à mesa:

– Este é um caso horroroso, e provavelmente vai dar muito que falar. Devemos, todavia, arrostar a maré de maldade e derramar no peito ferido de cada uma de nós o bálsamo da consolação fraternal.

Percebendo, então, que Elizabeth não estava propensa a responder, acrescentou:

– Por mais triste que o caso possa ser para Lydia, podemos tirar dele esta útil lição: que é irrecuperável a perda da virtude na mulher; que um passo em falso provoca a sua ruína definitiva; que a reputação não é menos frágil do que a beleza; e nunca é demais precavermo-nos contra os perigos do sexo oposto.

Elizabeth, pasma, ergueu os olhos, mas estava abatida demais para responder. [...] (*Orgulho e Preconceito*, p. 135 – 136)

Percebemos aqui a reação perplexa que Elizabeth teve com o último comentário de Mary em relação à situação da fuga, que resultou em casamento, de sua irmã. No primeiro momento, Elizabeth não dá ouvidos para o que a menina fala, uma vez que é apenas um dos seus episódios de repetição, sendo somente uma “contribuição” chata para a mesa. Já no segundo comentário, a protagonista do romance se espanta pela falta de noção da irmã ao fazer um comentário tão delicado diante de uma situação que já havia prejudicado socialmente a família. É interessante observar que Elizabeth também é uma leitora ávida e possui muita bagagem intelectual, entretanto ela sabe se portar e intui o que convém a ela dizer ou não e, mesmo compartilhando o costume de leitura de Mary, acha a irmã mais nova muitas vezes inadequada.

Mesmo que Mary tenha características que poderiam encaixá-la no padrão de feminilidade, ela não é considerada como tal. Mary quase não interage socialmente, prefere a companhia dos livros, seus talentos artísticos são escassos e quando decide mostrá-los, é considerada inapropriada. Suas ações controladas e comentários feitos por repetição lhe conferem uma peculiaridade negativa. Ela soa pedante e enfatuada, quando queria ser apenas sábia. É verdade que ela não possui real sabedoria, uma vez que não

tem estofa vital e somente um palavreado livresco. No entanto, chama atenção a sensibilidade de Austen ao mostrar que uma mulher, mesmo querendo descolar-se dos costumes e romper com certos padrões de comportamento, pode cair num extremo oposto e soar ridícula e enfadonha até para aquelas mulheres que, como ela, querem se libertar das normas.

Uma outra figura feminina interessante que Jane Austen constrói é a personagem chamada Jane Fairfax, já citada previamente, do romance *Emma*. Jane Fairfax teria todos os motivos para não ser o centro das atenções entre os pretendentes ou até mesmo as pessoas à sua volta. Era uma mulher de família pobre e complicada, vivia da caridade de amigos da família, com uma educação básica, mas excelente ao piano, e não considerada muito bonita além do padrão normal de beleza. Contudo, era “inimiga” de Emma, com origens e características totalmente contrárias, e era muito bem avaliada por todos que a conheciam. Jane Fairfax sabia dos privilégios que lhe eram oferecidos e se comportava de forma que não perdesse tais vantagens, não chamava atenção, era sempre muito educada e gentil com todos. Tais características geravam na opinião comum a muitas pessoas a noção de que ela e Emma deveriam nutrir uma amizade mútua. A senhorita Woodhouse, porém, era orgulhosa a ponto de achar tal imposição um insulto à sua pessoa, uma vez que as moças eram de classes sociais diferentes. O único “defeito” que Austen atribuiu à personagem foi a sua situação amorosa com Frank Churchill: os dois viviam um romance escondido. É interessante observar que a senhorita Fairfax ao longo de todo o romance não é alvo de nenhum menosprezo senão por parte de Emma Woodhouse e, falsamente, Frank Churchill, tornando perceptível como a sociedade da época se importava com os valores e a reputação de alguém para que essa pessoa fosse bem-vista e respeitada minimamente. Esta situação mostra como Jane Austen foi muito astuta ao desenvolver tal personagem, indo contra os padrões da época e, mesmo assim, fazendo com que a moça fosse considerada um padrão.

O fato de Jane Fairfax ser considerada um padrão para a sociedade do romance pode ser encarado como um resultado das atitudes da moça e da consciência que ela tem de sua classe e suas desvantagens. A moça precisa viver da caridade daqueles ao seu redor para ter o mínimo de vida social ou alguma condição financeira, como podemos ver em diversos momentos em que o Sr. Knightley, e até Emma, oferece a sua carruagem para que ela pudesse ir a bailes e jantares. A vida de Jane sempre foi comentada e alvo da pena daqueles com uma condição social elevada e é através desse sentimento que ela pode

“desfrutar” de certas “regalias” que uma mulher com a sua vida certamente não teria. Vemos que a personagem é então sempre controlada pela bondade dos outros, o que a faz adotar uma postura submissa a qualquer um que esteja acima da sua classe social, característica que Emma repudia e, ao mesmo tempo, diz ser necessária para a sobrevivência no caso de Jane Fairfax. É desse lugar de submissão que a senhorita Fairfax recebe esse título de feminilidade padrão. Apesar de ter muito estudo e cultura, não são essas habilidades que fazem com que as pessoas a enxerguem dessa forma e sim o fato de ela “saber o seu lugar” e se comportar como tal, nunca pedindo e sendo grata por qualquer caridade que lhe façam.

Para sair dessa situação precária, Jane Fairfax tinha duas opções: o casamento ou se tornar governanta. Caso ela optasse por ser uma governanta, suas condições não seriam tão diferentes daquelas que ela já tinha. Segundo Edward Copeland, em 1805, Lady Diana Beauclerk teria pago um salário anual de cerca de 1.972 dólares a uma governanta, a qual, além desse salário, teria direito a um quarto, mesa e assento no salão. Era apenas com esse salário anual que a moça deveria contar para despesas referentes a sua aparência, para que pudesse ser tida como uma dama. Ou seja, Jane Fairfax teria uma renda anual baixíssima da qual, gastando com aquilo que era proposto, não sobraria quase nada para outras despesas ou para ajudar sua tia, por exemplo, ou ainda para um dote para casamento. Com a educação que a moça tinha, ser governanta era a opção mais viável uma vez que “a educação de uma mulher pobre poderia restringir as suas opções; se ela não pudesse se casar, teria que ensinar outras meninas a serem tão inúteis como ela mesma se tornara.”² (HALL, Lynda A., 2007). Essa “inutilidade” citada por Hall pode ser explicada a partir da opinião de Mary Wollstonecraft a respeito da educação recebida pelas mulheres. Para a filósofa, o foco da educação das mulheres contribuía para que essas fossem vistas como inferiores, artificiais, pessoas vulneráveis e sem real função na sociedade, dando a entender que a educação dada era apenas para que elas fossem algo para *ornamentar* os salões.

Austen, entretanto, decide “salvar” a sua personagem deste futuro fadigoso e infeliz que a personagem teria, fazendo com que a moça se casasse com Frank Churchill. É certo que não podemos afirmar que a opção do casamento com este homem em

² “[...] A poor woman’s education might just restrict her options: if she could not marry, she would need to teach other girls how to be just as useless as she had become.” Tradução minha.

específico a distanciaria de uma vida infeliz, mas ainda assim o romance retrará aquela como melhor opção possível que a moça tinha. Podemos comparar Frank Churchill com o Sr. Wickham, de *Orgulho e Preconceito*, uma vez que ambos vivem a favor da própria imagem, sempre tirando vantagem de situações que possam ser vergonhosas para aqueles que estão envolvidos e mentindo. No romance citado, Jane Austen decide “punir” o seu personagem com o casamento com Lydia Bennet, uma moça que prejudicou a sua imagem diante da sociedade, enlace muito bem pensado pela autora uma vez que para Lydia era um ótimo casamento e para Wickham, a sua ruína. Não vemos o mesmo movimento em *Emma*, pelo contrário. Jane Austen mostra exatamente o que estava destinado às mulheres mais pobres, a realidade na qual deveriam suportar um casamento em prol do seu futuro. Ao longo de todo o romance, Frank Churchill desrespeita Jane Fairfax, mente, faz intrigas e coloca Jane em situações delicadas, como quando ele lhe dá de presente um piano sem remetente, fazendo com que ela tivesse que se esquivar de perguntas sobre a origem de tal instrumento. É possível inferir que foi mantido segredo sobre essa relação, pois Frank e Jane eram um casal improvável, os dois de classe sociais diferentes, a moça com pouco a oferecer como dote. A reputação de Jane era impecável, por isso muitos a admiravam, mas, ao se juntar a um homem pouco confiável e rico, a visão que tinham dela como um padrão de feminilidade se desfez. Apesar de abominar as suas ações, Emma Woodhouse compreende a escolha da rival como sendo a última opção a que ela poderia recorrer.

É importante ressaltar também a situação de duas personagens: a senhora Bennet e a senhorita Bates, as duas adultas, fora das preocupações de conseguir um marido para si, mas ambas massacradas pela sociedade pelas suas escolhas e condições. Sendo mãe de cinco filhas, a senhora Bennet sempre foi atormentada pela necessidade de conseguir um bom casamento para as meninas e, deste modo, conseguir uma salvação para melhorar a reputação delas e a condição da família. Seus esforços eram inúmeros, mas sempre vistos como exagerados e sem classe. Apesar dessa visão, as atitudes que a senhora Bennet tomava eram movidas pela preocupação, uma vez que ela mesma já havia passado pelo cenário casamenteiro e tinha consciência de tudo que poderia contribuir ou não para o enlace. Com um marido omissivo, era ela quem agia, mesmo com todas as suas características mal vistas por aqueles que a rodeavam, para que algo efetivamente acontecesse. Em relação à senhorita Bates, não era esperado que algo acontecesse naquele ponto de sua vida. Ela era uma mulher de mais idade, solteira e cujas oportunidades foram

perdidas em detrimento de si própria e em benefício do cuidado com a sua mãe. Apesar de uma vida relativamente sofrida, a senhorita Bates era uma mulher alegre, que gostava da companhia das pessoas e era sempre muito respeitosa com todos que conhecia, estava constantemente se esforçando para agradar os que tinham a gentileza de inseri-la no círculo social. Com tamanho esforço, muitos a viam como tagarela ou inconveniente em certos momentos, mas as pessoas compreendiam que tais atitudes eram resultado da sua condição e ninguém além de Emma Woodhouse fazia comentários desrespeitosos em relação a ela, como neste trecho:

[...]

– Oh! Muito bem – exclamou a srta. Bates. – Então eu não preciso incomodar-me. Eu posso dizer três coisas bastante tolas. Vai ser muito fácil para mim. Devo apenas dizer três coisas tolas, assim que abrir a boca, não é mesmo? - Olhou em volta como se dependesse do consentimento dos outros. – Você acha que não consigo?

Emma não conseguiu resistir

– Ah! Minha cara senhora, acho que será difícil. Perdoe-me, mas temos de limitar o número máximo a três tolices por vez.

A srta. Bates, enganada pelos bons modos de Emma, não conseguiu entender prontamente a mensagem. Mas, quando o fez, não ficou zangada, apenas muito ruborizada, demonstrando quanto estava decepcionada. (*Emma*, p. 408)

A VOZ DE JANE AUSTEN EM SEUS ROMANCES

Jane Austen ocupa um lugar privilegiado nos seus romances como narradora, o que lhe confere grande poder sobre as personagens e percepções em relação à trama da história. Como já dito, é possível perceber que em diversas passagens dos romances se torna clara a voz da própria autora para além da pura narração das cenas ou pensamentos de personagens. Essa alternância que Jane Austen faz entre a sua voz e a voz de suas personagens, mais a fundo com Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse, vem do fato de que, pelo menos em parte, Jane Austen as utiliza como porta-vozes de seus próprios pensamentos. Segundo Dorrit Cohn:

Se o mundo real se torna ficção somente ao revelar o lado oculto dos seres humanos que o habitam, o inverso é igualmente verdadeiro: os caracteres ficcionais mais reais, mais “redondos” são aqueles que conhecemos mais intimamente, de modos, precisamente, em que é impossível conhecer pessoas na vida real.³ (*Transparent Minds*, p. 5)

Entendemos, então, o movimento que Jane Austen faz em suas obras. Ela não somente traz os seus pensamentos através das personagens como também mostra ao leitor os pensamentos das próprias personagens. É através da ficção narrativa que Austen é capaz de acessar o interior de uma pessoa, algo impossível de se fazer na vida real, revelando os pensamentos de uma personagem de forma a causar uma sensação de proximidade. Percebemos, então, a habilidade e vantagem que a autora tem como narradora para inserir o seu leitor na mente de suas personagens. Por ser quem controla o interior das personagens, é possível notar por vezes que Austen faz uso de aspectos da sua própria personalidade para construir as ideias e comportamentos de Elizabeth e Emma como a importância do afeto, a priorização da amizade e a visão crítica da sociedade da época.

Muitos romances escritos em terceira pessoa têm a condução narrativa feita por um narrador dito autoral. Esse tipo de narrador revela os pensamentos dos personagens através de diálogos diretos e de descrições feitas como parte do ato narrativo. Em *Transparent Minds* (1978), compreendemos, em relação a esse tipo de narrador, que “não

³ “If the real world becomes fiction only by revealing the hidden side of the human beings who inhabit it, the reverse is equally true: the most real, the “roundest” characters of fiction are those we know most intimately, precisely in ways we could never know people in real life” (p. 5). Tradução minha.

apenas ele está muito mais interessado em seu próprio comentário sobre os eventos do que nas reflexões que esses eventos possam desencadear nos personagens, como ele se compromete, por sua instância narrativa, a avaliações explícitas, por vezes, didáticas”⁴. As agudas considerações sobre a natureza humana são frequentes neste tipo de situação narrativa. Narradores autorais costumam ser excelentes psicólogos e se comprazem em apresentar seus juízos críticos, muitas vezes irônicos, sobre os comportamentos e impasses humanos. Não é raro que eventos narrados sejam tão somente pretextos para ensinarem as argutas avaliações psicológicas, sociais e morais desenvolvidas pelos narradores autorais. Sendo assim, o narrador tende a impor os seus valores e julgamentos sobre os pensamentos de suas personagens, além de analisar a cena e julgar a ação de cada um sob o seu olhar, fazendo com que a única pessoa no controle do romance seja o próprio narrador.

Jane Austen é uma exímia narradora autoral, que soube observar com profunda inteligência crítica a vida da sua época e dela extrair observações precisas, por vezes mordazes e ácidas. A famosa abertura de *Orgulho e Preconceito* é um exemplo típico de narração autoral: “É uma verdade universalmente reconhecida a de que um homem, em posse de uma grande fortuna, deve estar à procura de uma esposa”. O caráter generalizante da afirmação é fruto de extensa observação da cena social e da constatação da recorrência de ações casamenteiras. Austen executa com maestria tais generalizações, razão pela qual está sempre pontuando suas narrativas com seus julgamentos.

Entretanto, Jane Austen optou por ser uma narradora que valoriza os pensamentos de suas personagens e os mostra aos seus leitores, acrescentando a sua visão de mundo nos momentos em que o foco está na linha de pensamento dessas personagens. Na prática narrativa, o que ocorre é que a escritora conjuga dois procedimentos diversos, alternando entre a narração autoral e uma outra chamada personativa. Nesta, o narrador cede a iniciativa aos próprios personagens, temporariamente abrindo mão de seus privilégios narrativos e outorgando o ponto de vista ao personagem que atua, nesta instância, como refletor. O leitor tem a sensação de ser transportado para dentro da mente dos personagens, cujo fluxo mental acompanha, cujas emoções experimenta e cujas sensações físicas compartilha. Nesses momentos, o corpo e a mente dos personagens se tornam filtros de interpretação da realidade. Narrar, seja sob o olhar da personagem, seja sob o

⁴ “[...] Not only is he far more interested in his own commentary on events than in the meditations these events may release within his characters, he is also committed by his narrative stance to explicit, often didactic, evaluation.” (p. 22-23). Tradução minha.

seu como mulher, vem a se tornar um dos pontos mais característicos de Austen como romancista.

Podemos ver essa postura narrativa no trecho citado anteriormente de um diálogo do romance *Emma* entre a personagem principal e sua amiga Harriet (p. 98-100). É por meio das palavras de Emma Woodhouse que Jane Austen expõe uma visão acerca da situação das mulheres da época. Os ideais são expressos como uma opinião de Emma a respeito de seu futuro como mulher solteira. Mesmo que possamos supor que a autora compartilha da mesma posição que sua personagem, assim insinuando a sua própria voz dentro do romance, é fundamental destacar que Austen dá um protagonismo à Emma como dona daquela reflexão. Nesse caso, além de obter uma maior vivacidade narrativa, a romancista apresenta o ponto de vista, não apenas como prerrogativa sua, mas como uma opinião encarnada na própria vida, ainda que ficcional, o que amplia o seu alcance. Além disso, emancipando as personagens, a autora pode encenar diversos tipos de mulheres e atitudes, sem necessariamente endossar e adotar todos os comportamentos representados.

No capítulo 4 de *Orgulho e Preconceito*, ao conversar com a sua irmã Jane após o baile, é possível perceber através da fala de Elizabeth uma avaliação acerca da feminilidade da moça:

– Sei disso; e é *isso* que me dá o que pensar. Com o *seu* bom-senso, ser tão sinceramente cega para as loucuras e absurdos dos outros! Afetar candura é uma coisa muito comum (topamos com isso a toda hora). Mas ser cândida sem ostentação ou intenção (pegar o que há de bom no caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e nada dizer do que há de mal), só mesmo você. [...] (*Orgulho e Preconceito*, p. 22)

Aqui, vemos que Jane Austen se utiliza dos pensamentos de sua protagonista para expor uma visão sobre como essa feminilidade, que era exigida e ensinada para as mulheres da época, poderia, por vezes, prejudicar o pensamento crítico. Era passado para as jovens que uma mulher deveria ser sempre generosa, humilde e pura para que o seu comportamento fosse considerado adequado. Apesar de as mulheres terem tido acesso ao estudo, esse era limitado, assim como suas próprias opiniões, hábitos e gostos. Tudo era modelado no padrão imposto a elas. Aquelas que tinham a permissão – por conta do seu poder financeiro – de apresentar qualquer vantagem social e assim se manter no topo,

fariam aquilo que fosse necessário para viver com esse “privilégio”. É a partir desse ponto de vista que Jane Austen escreveu tais palavras na voz de Elizabeth. Ela construiu como personagem uma mulher capaz de perceber essas artimanhas da sociedade, assim como a própria autora. Podemos deduzir essa percepção por parte de Austen não só analisando os seus romances, mas também através de cartas trocadas com sua irmã, como nesta passagem de uma carta endereçada a Cassandra em 1808: “Eu mandei a minha resposta [...] na qual escrevi sem muito esforço, pois eu era rica, e os ricos são sempre respeitáveis, qualquer que seja o seu estilo de escrita”⁵.

É possível perceber um controle narrativo da autora especialmente nos momentos de descoberta das personagens principais das obras aqui tratadas. Uma vez que é Jane Austen quem controla as cenas, o leitor só enxerga a obra sob o olhar da autora, assim como as personagens.

Em *Emma*, a personagem principal nunca teve consciência do que Mr. Knightley pensava sobre ela além dos traços negativos que ele costumava pontuar ou dos elogios que fazia socialmente. Essa *ocultação* do pensamento e avaliação do cavalheiro por parte de Jane Austen foi essencial para a quebra de expectativa no final da obra, assim como para o entendimento de Emma como sendo uma mulher desejável não apenas pela sua situação social, mas também capaz de romanticamente sentir algo por um homem e se mostrar vulnerável, uma faceta da personalidade de Emma que Jane Austen deixa claro que a menina não está disposta a assumir. Anteriormente ao desfecho da obra, vemos também a *ocultação* das intenções do sr. Elton. Entretanto, esta oclusão é feita através das avaliações da própria personagem. Austen utiliza a personalidade controladora de Emma para ofuscar o intuito da aproximação do sr. Elton, situação que tem que ser esclarecida para a menina que acredita o tempo todo que as suas convicções e seus planos estão evoluindo de acordo com os seus desígnios.

Em *Orgulho e Preconceito*, todas as situações e preconceitos são formados por conta da *ocultação* de fatos. Não apenas a visão da personagem principal sobre os acontecimentos é alterada por conta dessa não consciência, mas também de diversos outros personagens do romance. Lady Catherine de Bourgh, ao inferir um possível noivado entre Elizabeth e Sr. Darcy, causado por possíveis fofocas, vai tirar satisfações

⁵ “[...] I sent my answer [...] which I wrote without much effort, for I was rich, and the rich are always respectable, whatever be their style or writing.” Tradução minha.

com Lizzy, o que acarreta o desfecho da história, contrário às intenções da aristocrata. O movimento dela acaba por resultar no efeito oposto ao visado. Sr. Darcy, ao presumir que os sentimentos de Jane Bennet pelo seu amigo são fracos, o encoraja a desistir do casamento (presunção que só acontece devido a conclusões precipitadas). Ao descobrir que o culpado do não casamento entre Jane e o Sr. Bingley foi a suposição do Sr. Darcy, Elizabeth Bennet passa a cultivar sentimentos ainda mais negativos pelo cavalheiro, acarretando diversas complicações ao longo do romance.

Todas essas nuances deixam as obras mais instigantes e verdadeiras. Jane Austen manipula cada passo, cada pensamento das suas personagens, assim como o julgamento dos leitores através da sua narrativa. É sob esse ponto de vista que a escritora consegue explicitar a condição da mulher naquela época, sujeita a constante julgamento e falta de credibilidade. Frequentes são as vezes em que vemos uma narração mental de uma de suas personagens principais, por vezes ponderando sobre um acontecimento, por vezes mostrando descobertas que antes não teriam sido percebidas (tanto pela personagem, quanto pelo leitor) se não fossem apontadas pela narradora. Um exemplo desse aspecto está no início do capítulo 31 em *Emma*:

Emma continuou convencida de que estava apaixonada. Suas ideias apenas variavam em relação à intensidade desse amor: no princípio, pensou estar muito apaixonada; em seguida, viu que não era tanto assim.

Sentia muito prazer em ouvir as pessoas falarem de Frank Churchill e, por causa dele, era uma alegria enorme visitar os Westons. Pensava nele constantemente, estava muito impaciente para receber uma carta, para saber como ele estava, qual era seu estado de humor, se a saúde da tia havia melhorado e quais seriam as possibilidades de ele voltar a Randalls naquela primavera. Por outro lado, não conseguia admitir que estava infeliz e que, depois daquela primeira manhã, estava com menos disposição para atividades habituais. Continuava ocupada e alegre e, apesar de ele ser tão agradável, não deixava de imaginar seus defeitos. E, mais

adiante, além de pensar nele enquanto bordava ou desenhava, imaginava mil esquemas divertidos a respeito de como o relacionamento entre os dois poderia avançar ou terminar. Imaginava interessantes diálogos e diversas cartas elegantes. E, ao final de todas as imaginárias declarações que ele faria, ela o recusaria. O afeto que sentiam um pelo outro sempre se transformava em amizade. Tudo de agradável e encantador que ocorrera servia para marcar a separação e ainda estavam separados. Quando ela se deu conta disso, chegou à conclusão de que não estava tão apaixonada, pois, apesar de sua determinação de jamais deixar o pai sozinho e nunca se casar, um amor verdadeiro seria capaz de produzir um embate emocional muito maior do que seria capaz de prever. (*Emma*, p. 290 – 291)

Nessa passagem, além de ser revelado algo que nem mesmo a personagem percebia, a narradora decide fazer uma mudança na trajetória de Emma, uma vez que toda a sua atenção desde a chegada de Frank Churchill era a conquista do rapaz e agora que ela tem consciência da sua própria indisposição para um relacionamento, o desfecho da obra é alterado e, mais uma vez, é apenas Jane Austen quem tem todo o poder sobre o romance. A respeito desse poder que a autora tem, Dorrit Cohn aponta que a narradora:

[...] vê os eventos de uma perspectiva distante, olhando para todo o período de tempo que [ela] relata. Somente essa perspectiva telescópica torna possível para [ela] ordenar e digerir os eventos no processo de exibí-los. (*Transparent Minds*, p. 35)⁶

Percebemos, então, como a voz de Jane Austen é um traço importante dentro de suas obras, um traço definitivo para as atitudes que as personagens tomam. A narradora possui autoridade sobre os acontecimentos e pensamentos das personagens, o que faz com

⁶ “[...] he views the events from a distant perspective, looking over the entire time span he recounts. Only that telescopic perspective makes it possible for him to order and digest the events in the process of displaying them.” Tradução minha.

que Jane Austen seja vista não como uma narradora invisível dentro das obras, mas sim como uma narradora que se desdobra em múltiplas vozes nas histórias. A respeito deste assunto, Massimiliano Morini enfatiza que, na realidade, essa multiplicidade de vozes é uma multiplicidade de pontos de vista:

O narrador é apenas uma das muitas fontes de manifestação autoral: ele/ela é automaticamente percebido/a pelo leitor como sendo mais autoritário/a do que os personagens, mas ele/ela abre mão de sua posição dominante, renunciando à sua autoridade ou conferindo-a aos outros. (*Jane Austen's Narrative Techniques: A Stylistic and Pragmatic Analysis*, 2009)⁷

Com essa característica e manejando a narrativa dessa forma, Jane Austen consegue tornar audível não só a sua voz dentro dos romances, como a voz de muitas outras mulheres da época através das suas personagens. É controlando cada passo da obra que ela nos mostra a diversidade de modos de uma mulher, que podem levá-la a ser ou não ser considerada feminina.

⁷ “[...] The narrator is only one of many sources of authoritativeness: he/she is automatically perceived by the reader as being more authoritative than the characters, but he/she relinquishes his/her dominant position by renouncing his/her authoritativeness or conferring it on others.” (p. 7) Tradução minha.

RESQUÍCIOS DO PATRIARCADO EM JANE AUSTEN

É importante ressaltar que, apesar de todo avanço que Austen fez por meio de sua escrita, ela ainda era uma mulher do século XIX e vivia sob as regras do patriarcado. Resquícios desse patriarcado são encontrados em ambos os romances aqui tratados de maneiras por vezes sutis e por vezes tão claras que podem fazer com que o leitor se pergunte o motivo de a escritora ter optado por aquelas ações ou palavras.

Um dos momentos em que é possível perceber esse traço patriarcal em *Orgulho e Preconceito* é durante uma conversa entre Elizabeth Bennet e seu pai, quando a moça se dirige a ele para pedir permissão para se casar com o Sr. Darcy. Diz o Sr. Bennet: “[...] Sei que não poderia ser realmente feliz nem respeitável, a não ser que realmente estime o marido; a menos que o considere superior. [...]” (p. 410). É notável nesta passagem como a fala do Sr. Bennet não condiz com aquilo que Jane Austen construiu como ideal para sua heroína. Mesmo assim, a moça não faz nenhum comentário em oposição ao que foi dito. Ao longo do romance, Elizabeth não está em constante busca por um marido, mas sabe que em um momento o casamento será necessário, tanto pela pressão da sociedade e família quanto para sua salvação pessoal. O primeiro que despertou uma possibilidade de relação, Sr. Wickham, se mostrou muito educado, culto e atencioso, coisas que a personagem buscava em um parceiro uma vez que a senhorita Bennet possuía um comportamento diferente das outras moças e achar um homem que conseguisse acompanhá-la nos assuntos e discussões era algo valioso para a menina. Após toda a revelação do romance, Sr. Darcy se mostra um parceiro perfeito aos olhos da moça, mas é possível inferir que subsiste a ideia de que ele é superior a ela, o que nos leva a concluir que, para a heroína, o homem deveria ser superior para que fosse possível um casamento, uma vez que ela não contesta o comentário de seu pai. Esse momento do romance pode ser analisado sob a ótica de Gilbert e Gubar (1979) quando elas dizem:

Dramatizando a necessidade de submissão feminina para a sobrevivência feminina, a história de Austen é especialmente lisonjeira para os leitores masculinos, porque descreve a domesticação não só de qualquer mulher, mas especificamente de uma menina rebelde e imaginativa que é amorosamente dominada por um homem sensível. [...] A história disfarçada de Austen da necessidade de silêncio e submissão reforça a posição subordinada da mulher na

cultura patriarcal. [...] (*The madwoman in the attic*, p. 154)⁸

Outro aspecto importante a ser analisado é a rivalidade feminina nos romances aqui tratados. Em *Emma* é perceptível uma certa rivalidade entre Emma Woodhouse e Jane Fairfax no que diz respeito à conquista tanto do Sr. Knightley quanto de Frank Churchill. Além da noção de posse que Emma tem sob os cavalheiros, existe a noção de ser merecedora de um marido como eles. A rivalidade feminina é vista a partir dos comentários negativos que Emma faz em relação a Jane Fairfax, tentando diminuí-la para que o seu valor seja também diminuído, principalmente diante dos homens que possam ser um alvo para a senhorita Woodhouse. Em *Orgulho e Preconceito* enxergamos tal rivalidade nas atitudes da senhorita Bingley quanto à Elizabeth Bennet. A moça tenta, de alguma forma, lembrar a classe social inferior de Lizzy ou a sua falta de habilidades não só nas conversas que acontecem entre as duas, mas também nos conselhos e comentários que a moça faz ao Sr. Darcy, cujo objetivo é o mesmo de Emma Woodhouse ao querer mostrar Jane Fairfax como sua inferior.

Jane Austen coloca esses traços patriarcais em seus romances porque, além de a autora representar a sociedade em que vivia, ela também estava limitada às imposições e atitudes do patriarcado. No início de sua carreira como escritora, Austen publicava suas obras de forma anônima, com a ajuda de seu irmão para cuidar da publicação dos manuscritos e escrevia escondida, o que indica que ela tinha consciência de que a maioria das suas opiniões poderiam não ser aceitas até mesmo pela sua família. Mesmo com esses traços patriarcais em seus romances, aspecto inescapável considerando que Austen foi criada com aquela mentalidade e seguia aquelas regras, o conteúdo de suas ficções era inovador e provocativo, podendo acarretar tanto um despertar da parcela feminina quanto uma desaprovação pela sociedade inglesa do século XIX.

⁸ “Dramatizing the necessity of female submission for female survival, Austen’s story is especially flattering to male readers because it describes the taming not just of any woman but specifically of a rebellious, imaginative girl who is amorously mastered by a sensible man. [...] Austen’s cover story of the necessity for silence and submission reinforces women’s subordinate position in patriarchal culture. [...]” Tradução minha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, Jane Austen foi uma das primeiras mulheres a explorar a literatura na sua época e, ainda, adotando um estilo de literatura diferente daqueles que circulavam na sociedade britânica. Por ser uma mulher que escreve de forma diferente do esperado, Austen foi alvo de muitas críticas de escritores no século XIX (GILBERT e GUBAR, 1979), cuja opinião sobre o trabalho da romancista sobrevive até hoje na mentalidade de alguns leitores. Para essas pessoas, as obras de Jane Austen não passavam de transcrições do cotidiano, de cenas pacatas no campo, onde vemos a relação entre duas ou três famílias em um pequeno condado da Inglaterra.

Entretanto, mesmo com essas características que, de fato, seus romances apresentam, Jane Austen não pode ser classificada como uma autora *pacata*. É possível perceber o contrário nas suas obras repletas de situações muito bem elaboradas, mesmo com apenas duas ou três famílias envolvidas, e questionamentos avançados para a mentalidade de uma mulher no século XIX. A autora tirava proveito da sua sabedoria das imposições de regras às mulheres e à sociedade para construir narrativas que, muitas vezes, fugiam do padrão comportamental da época. Essa sabedoria de Austen faz com que a ficção de suas obras se aproxime da realidade de muitas mulheres de sua época em um momento em que essas não eram vistas e representadas.

É possível dizer que essa escolha de cenário e temática fez com que os romances fossem interpretados diferentemente da real intenção da autora e essa interpretação perdurou na sociedade da época. Segundo Gilbert e Gubar (1979), as obras de Jane Austen foram adotadas como símbolo da Inglaterra, um exemplo patriótico que se tornou popular entre os militares. É por conta desses equívocos que é possível reconhecer a maestria na escrita de Austen, na qual a sua ‘sagacidade’ foi tão bem colocada que apenas aqueles com um faro aguçado poderiam perceber suas críticas e visões do mundo no qual vivia.

Partindo do ponto de vista de que Jane Austen utilizou as suas experiências e noções de sociedade para construir as suas obras, é possível afirmar que sua literatura é rica justamente por ser uma mulher retratando o seu lado da história. Certamente um homem da época de Austen – ou de atualmente – não teria os mesmos instrumentos para criar as situações que a romancista cria justamente por não saber o que era exigido das mulheres e, sobretudo, como as mulheres se sentiam dentro da camisa de força das restrições e expectativas. Os homens da época tinham noção de como uma mulher deveria ser e quais características deveriam possuir, mas nunca lhes foi mostrado como as damas

adquiriam tais habilidades e o que elas passavam nesse processo. Por esse motivo seus comentários sobre a sociedade, através de falas de suas personagens e narrações, eram ousados para serem ditos por uma mulher e sua escrita era constantemente criticada.

Utilizando a sua habilidade narrativa, Jane Austen colocou as mulheres no foco de seus romances, enaltecendo e mostrando todos os tipos de feminilidade que uma moça pode desenvolver ao longo de sua vida. É importante apontar que a representatividade feminina na obra da romancista inglesa decorre, em boa parte, das estratégias narrativas adotadas por ela. Em fundamentais passagens, o leitor tem acesso ao fluxo mental das personagens, porque nelas a narradora, embora continue conduzindo a narrativa, abre mão do seu ponto de vista em favor das percepções das personagens. Num contexto de opressão e silenciamento feminino, dar às mulheres, para além da autora, a liberdade de pensar e a desenvoltura do sentir, constitui um ganho significativo. Presenciamos nos romances, então, uma representatividade feminina como antes não havia sido mostrada no cenário literário britânico do século XIX, mesmo com personagens femininas que seguiam os padrões e compartilhavam o pensamento da sociedade da época. Essa diversidade de feminilidades apresentada por Jane Austen foi importante para a inserção feminina na literatura, além de ter servido como inspiração para que outras mulheres usassem a sua própria voz.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2010. 421 p.

AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2011. 531p.

BARROS, Samira Alves de. **Representações das Personagens Femininas de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen**. 2013. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2013.

COHN, Dorrit. **Transparent Minds. Narrative Modes for presenting Consciousness in Fiction**. Princeton: Princeton University Press, 1978.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. New Haven: Yale University Press, 2000.

FREITAS, Dayane Cristina de. **A literatura como narrativa do passado: Jane Austen e a mulher inglesa do século XVIII**. 2017. 18 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas, 2017. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3347/878>. Acesso em: 11 abr. 2023.

HALL, Lynda A.. **Jane Fairfax's Choice: the sale of human flesh or human intellect**. **The Jane Austen Journal Online**. Chapman University, Winter, 2007. Disponível em: https://digitalcommons.chapman.edu/english_articles/67/. Acesso em: 08 jul. 2023.

THE REPUBLIC OF PEMBERLEY (org.). **Letters of Jane Austen – Brabourne Edition**. Disponível em: <https://pemberley.com/janeinfo/brablets.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SULLIVAN, Margaret C. **The Jane Austen Handbook: Proper Life Skills from Regency England**, 2007.

WALLACE, Tara Ghoshal. **Jane Austen and Narrative Authority**. St. Martin Press, 1995. 155 p.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**. New York: Norton, 1967.

ZARDINI, Adriana Sales. **O Universo Feminino nas Obras de Jane Austen**. 2011.
UFMG, Minas Gerais, 2011.